



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/18179>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v19i32.18179>



Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | v. 19 | n. 31 | Jan-Jun, 2025

Submissão: 20/03/2025 | Aprovação: 30/06/2025





POR UMA MUSEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: APROXIMAÇÕES DE GIOVANNI GALLO COM A MESA REDONDA DE SANTIAGO E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

FOR A MUSEOLOGY OF LIBERATION: GIOVANNI GALLO'S APPROACHES TO THE SANTIAGO ROUND TABLE AND LIBERATION THEOLOGY

Karla Cristina Damasceno de Oliveira  

Instituto Federal do Pará - IFPA - Campus Bragança¹

Luiz Carlos Borges  

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (convênio Unirio/Mast)²

Resumo: Defendemos a tese segundo a qual a museologia praticada por Giovanni Gallo no Museu do Marajó dialogava com dois marcantes movimentos: a pedagogia de Paulo Freire e a Teologia da Libertação. Ambas se caracterizavam por uma opção sociopolítica cujo objetivo era conscientização acerca dos problemas sociais da América Latina, visando desencadear um processo de libertação das diversas formas de opressão existentes no continente. Nosso pressuposto não se apoia em documentos deixados por Gallo, resulta de deduções a partir da prática museal que ele elaborou e imprimiu naquele Museu. Daí a razão de, em uma perspectiva discursiva, aventarmos a existência de um diálogo triangular, que, dentre outros aspectos, procuramos analiticamente apontar. Em suma, move-nos teoricamente a convicção de que, nesse período, é possível detectar a ressonância discursiva de alguns elementos chave, seja da Teologia da Libertação, seja da pedagogia freireana, que foram assimilados por Giovanni Gallo.

Palavras-chave: : Museologia, Museu do Marajó, Giovanni Gallo, Teologia da Libertação, Mesa Redonda.

Abstract: *We defend the thesis according to which the museology practiced by Giovanni Gallo at the Marajó Museum dialogued with two remarkable movements: the pedagogy of Paulo Freire and the Theology of Liberation. Both were characterized by a socio-political option whose objective was to raise awareness about the social problems of Latin America, aiming to trigger a process of liberation from the various forms of oppression existing on the continent. Our assumption is not based on documents left by Gallo; it results from deductions from the museum practice that he elaborated and printed in that Museum. Hence the reason why, from a discursive perspective, we suggest the existence of a triangular dialogue, which, among other aspects, we analytically seek to point out. In short, we are theoretically convinced that, in this period, it is possible to detect the discursive resonance of some key elements, whether of Liberation Theology or of Freire's pedagogy, which were assimilated by Giovanni Gallo.*

Keywords: *Museology, Marajó Museum, Giovanni Gallo, Liberation Theology, Round Table*

¹ Doutora e Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Especialista em Docência e Metodologia de Pesquisa em Turismo pela Universidade Federal do Pará - UFPA e em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica - IFRR. e-mail: karladoliveira@gmail.com

² Doutor em Linguística, pesquisador titular aposentado, docente do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (convênio Unirio/Mast). Poeta. Membro do coletivo Nos Rastros do Patrimônio. e-mail: lcborges@mast.br

INTRODUÇÃO

Giovanni Gallo (figura 1), criador do Museu do Marajó (para facilitar a referência, e a despeito das mudanças de denominação, passaremos a nos referir a esta instituição apenas como MdM), nasceu em Turim, Itália, em 1927. Filho de uma família carente, abraçou o sacerdócio por vocação, integrando-se à Companhia de Jesus. Estudou Teologia e Filosofia³ e seu primeiro trabalho, fora de Turim, foi na Sardenha, de 1959 a 1961, na Diocese de Nuoro, uma região bastante afetada por problemas socioeconômicos (subdesenvolvimento e banditismo). Apesar de, na Sardenha, a língua oficial ser o italiano, era na língua local, o sardo, que os pais de um vigário local, da paróquia da Diocese de Nuoro, gostavam de contar as histórias locais sobre gigantes e bruxas. Gallo ouviu muitas dessas histórias que estavam em processo de desaparecimento e as registrou em cadernos⁴ que pretendia transformar em livro (Gallo, 1996). Essa passagem da sua vida nos mostra como ele se interessava pelas manifestações culturais dos lugares nos quais desenvolvia seu trabalho de evangelizador.

18

Entre 1962 e 1969, trabalhou na Suíça como Capelão dos Imigrantes Italianos. Foi fundador da Missão Católica Italiana de Birseck no Cantão de Basileia-Campanha, onde realizou amplo trabalho social. Após esse período, pensou em trabalhar em algum país da América Latina e, então, ofereceram-lhe o Brasil, aonde chegou em 1970, tendo exercido seu sacerdócio na cidade de São Luís do Maranhão, especificamente no Bairro Floresta. Foi à Ilha do Marajó em 1972, tendo se estabelecido na cidade de Santa Cruz do Arari e, devido sua aproximação com os moradores em função de seu trabalho evangelizador e à sua personalidade, na qual se sobressaía a curiosidade científica, passou a coletar fragmentos arqueológicos, narrativas, objetos relacionados à vida dos pescadores, vaqueiros etc. Foi com base nessa mescla de trabalho evangélico e de pesquisa que ele veio a criar o que chamava de “o Nosso Museu de Santa Cruz do Arari” (doravante mencionado apenas como NM).

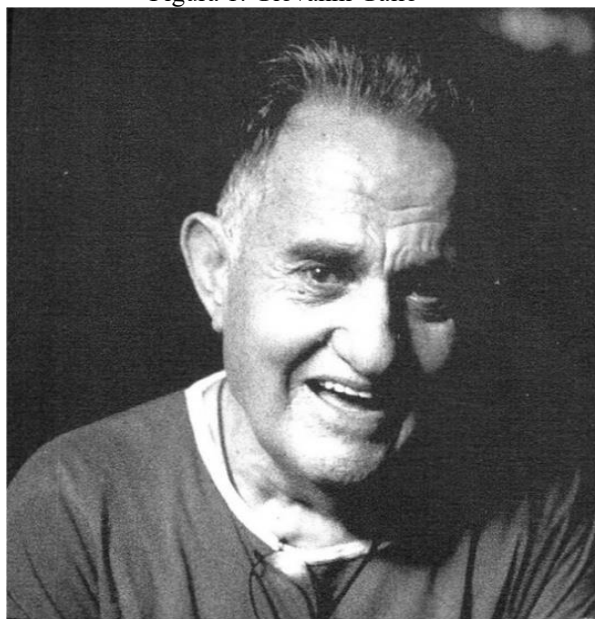
Sua proposta era a de criar um museu “que recuperasse a cultura da nossa terra, a fim de preservá-la e divulgá-la. Ao mesmo tempo estaria projetado para o desenvolvimento da comunidade, numa forma bastante original e bem atual, ser polo de desenvolvimento através da cultura” (Gallo, 1996, p. 180). Nesse enunciado, percebemos elementos e preocupações museológicas assemelhados

³Segundo informações contidas em seu *curriculum vitae*, que se encontra no acervo pessoal de Giovanni Gallo (Oliveira, 2017).

⁴ Segundo consta, esses registros não foram publicados e teriam ficado guardados na residência de sua mãe, em Turim. Todavia, não foi possível saber o destino desses cadernos.

aos da Mesa-Redonda⁵ realizada em Santiago do Chile em 1972, sob os auspícios do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e por recomendação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a partir da qual o museu passou a ser entendido não apenas como parte integrante das sociedades, mas, sobretudo, por estar a serviço destas, uma vez que possui instrumentos gnosiológicos e pedagógicos que lhe permitiriam participar da formação de uma consciência-cidadã dos sujeitos, tanto visitantes quanto aqueles pertencentes a comunidades em torno do museu; contribuindo para o engajamento das comunidades e grupos sociais em ações em prol de seu desenvolvimento econômico e sociocultural. Em termos especificamente museológicos, o museu gestado pela Mesa-Redonda consiste naquele que participa não apenas da formação educacional dos sujeitos, estando ciente das condições gerais e específicas do seu lócus, mas, acima de tudo, é aquele que atua em prol de um desenvolvimento ético com vistas ao direito à plena cidadania. É neste sentido que este tipo de museu ficou conhecido como museu integral e de ação (Varine, 2010).

Figura 1: Giovanni Gallo



Fonte: Acervo d'O Museu do Marajó. Autor desconhecido (s.d.).

⁵De acordo com as informações obtidas no Relatório de Atividades do MdM, do ano de 1986, Gallo participou do curso de Museologia Popular promovido pela Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN), no âmbito do Projeto Preamar – “O Pará e a Expressão Amazônica”, no período de 13 a 18 de outubro de 1986, em Belém. O curso foi ministrado pela museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, e o programa abordou os seguintes temas: Museologia e Museu; Cultura e Política Cultural; Identidade Cultural; A Revolução do Pensamento Museológico: ecomuseus e Museologia nova; A Museologia Popular; A Renovação Museológica; Discussão dos projetos em andamento (em que os participantes estivessem envolvidos). Tanto o Relatório de Atividades quanto o programa do curso de Museologia Popular integram o acervo de Giovanni Gallo sob a guarda do MPEG (Oliveira, 2017).

O museu criado por Gallo é inovador por basear-se numa proposta museológica que descentra o objeto – até então a narrativa museal tinha como centralidade o objeto – e busca (re)apresentar as relações socioculturais de que todo objeto é constituído, pois, segundo ele, “o homem é a nossa peça mais importante” (Gallo, 1996, p. 260). Trata-se de uma concepção alinhada aos novos conceitos museológicos que, a então dominância do objeto, como algo *em-si*, opunham a centralidade do sujeito histórico. Essa afirmação de Gallo possui uma dupla implicação: de um lado, refere-se àquilo que, intrinsecamente, caracteriza um museu, como um espaço em que ficam registrados, ao menos, fragmentariamente, os percursos simbólicos da humanidade; de outro, tem a ver, de forma direta, com as ações desenvolvidas no MdM com vista ao desenvolvimento econômico e sociocultural da vida dos marajoaras.

No que tange ao primeiro item apontado acima, consideramos que o museu se estrutura como um produtor de representações sobre determinadas realidades, posto que, ao funcionar como uma articulação entre o histórico (fragmentos ordenados da realidade) e a linguagem, propõe aos públicos, com base em determinada visão de mundo, modos ordenados a partir dos quais possam ver e interpretar a realidade, tal qual esta é transfigurada e (re/a)presentada museograficamente, ou seja, trata-se de apresentar ao público uma metarrealidade (Borges, 2011). Em função disso, mais do que colecionar, tratar e expor a função essencial do museu, como agente educativo-formativo, é apresentar uma maneira específica de “ler” e de interpretar a realidade. Assim, o resultado desse gesto de interpretação enuncia-se ou textualiza-se, de modo mais geral, mas não exclusivamente, nos procedimentos de musealização e em forma de exposição.

Neste trabalho, buscou-se compreender a ontogênese do MdM (baseada na premissa de acordo com a qual para conhecer especificamente este museu, precisamos conhecer seu fundador), bem como a sociogênese (ou seja, quais as condições sócio-históricas locais que contribuíram para que o MdM se configurasse do modo como se estruturava museologicamente e atuava socioculturalmente), nas quais foi criado. Compreender esses aspectos implica assimilar a maneira como Gallo pensava, como compreendia a vida; analisar as influências teóricas, filosóficas e religiosas que recebeu e que o caracterizavam intelectual, religiosa e sociopoliticamente. Significa entender o *ser-museu*, pois Gallo comportava-se como semióforo do Museu que criara, no sentido de haver uma espécie de simbiose entre ele e sua criação, de forma que podemos dizer que ele portava o Museu e o Museu o portava. O termo/conceito semióforo⁶ aqui é redefinido como sinônimo de “portador material” (Konder, 2010)

⁶Semióforos são os que se põem à frente, como os portadores, ou ainda, aqueles que carregam, ou inscrevem as marcas da distintividade e, por isso, afetam a memória e seus lugares. Para uma leitura aprofundada sobre o assunto, ler Pomian (1998), Chauí (2000) e Sepúlveda (2005).

de um valor x , onde x pode ser as significações históricas ou a infraestrutura sociocultural-ideológica de uma dada comunidade ou sociedade. Assim sendo, qualquer museu pode ser analisado como um semióforo, justamente por ser, intrinsecamente, um portador material de diversos sentidos. E, nessa acepção, o museu semióforo pode ser entendido também como um dêitico que aponta para o modo como a sociedade se organiza e como se representa, tanto para si mesma, como para a exterioridade.

O MUSEU CRIADO POR GALLO

O que atualmente se conhece como O Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo (figura 2), foi criado na cidade de Santa Cruz do Arari, em 1973, com a denominação de “O Nosso Museu de Santa Cruz do Arari”, que, antes de ter sede própria, localizava-se em área anexa à Casa Paroquial. Importa observar que o pronome “Nosso”, na denominação do Museu, fornece elementos discursivos e argumentativos sobre os propósitos basilares da Instituição: *Nosso* porquê criado *para* a comunidade, *nosso* porquê construído *pela* comunidade. Esse termo, no futuro, será removido da denominação do Museu⁷, no entanto, esses princípios serão mantidos na missão para a qual foi criado⁸.

Figura 2: A fachada d'O Mdm às vésperas de sua inauguração oficial, em 12 de dezembro de 1984, na cidade de Cachoeira do Arari



Acervo: O Museu do Marajó. Autor: Giovanni Gallo (s.d.).

⁷Após mudança para a cidade de Cachoeira do Arari, o Nosso Museu denominou-se Museu do Marajó. Após o falecimento de Giovanni Gallo, ocorrido em 7 de março de 2003, passou a ser Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo.

⁸Há aqui, entretanto, uma curiosidade que merece ser apontada. Se, internamente, havia essa noção forte e orgânica do nosso, isto é, do conjunto da comunidade marajoara; externamente e dada a simbiose entre criador e criatura, já mencionada, o Mdm era comumente chamado de “o museu do Gallo”.

As coleções do NM foram, efetivamente, formadas em estreita colaboração com a comunidade local, que acabou por atuar como “cofundadora”, contribuidora, colaboradora, e sem a qual o Museu não poderia ter existido. Desse fato, ressaltam-se duas deduções: 1) que a colaboração da comunidade na reunião dos objetos, que fazem parte do acervo museológico, não pode ser entendida, apenas, como algo fortuito, e menos ainda que a comunidade tenha sido uma mera facilitadora de coleta de objetos arqueológicos e etnográficos que abundam na Ilha do Marajó; 2) que essa participação ativa e criadora da comunidade tenha resultado, ao menos em parte, da estratégia museológica (e por que não dizer também evangélica?) de Gallo, com a proposta de tentar fazer com que as pessoas entendessem e assumissem o protagonismo em relação à herança etno-histórica e patrimonial que os caracterizava, mas também que considerassem aquele espaço museal como parte integrante e participante da sua sociedade. Em termos informais, é possível dizer que essa colaboração, essencial para a existência do Museu, constituiu um caso de curadoria coletiva, quando a própria exposição fora pensada levando em conta as características socioculturais da população marajoara para quem, afinal, tanto o Museu quanto a exposição eram destinados. De maneira que a relação biunívoca, ou melhor dizendo, orgânica, entre população e museu foi uma constante no tempo em que Gallo dirigiu a instituição.

Alguns dos animais taxidermizados que compõem o acervo, foram obtidos a partir de doações da(s) comunidade(s), ou por meio de permuta, com indivíduos da(s) comunidade(s). Uma das táticas empregadas por Gallo era fazer escambo para a obtenção de objetos para formar o acervo. Assim, medicamentos e ferramentas para a preparação de roças eram trocados por animais da fauna local em boas condições de serem taxidermizados e incorporados à recente coleção. Esse procedimento de Gallo, que consideramos parte de sua práxis pastoral e museal, havia sido por ele constituído ainda no período em que vivia na Itália, ou seja, muito antes dele chegar ao Marajó.

A estada de Gallo no município de Santa Cruz do Arari foi marcada, de um lado, por um forte envolvimento com a cultura local e, de outro, pelos intensos ataques que recebia tanto do Bispo, ao qual estava subordinado, Dom Ângelo Rivatto, quanto da elite político-dirigente local. Tanto sua atuação pastoral quanto a museal baseavam-se na premissa de pensar o desenvolvimento local de forma integral. E, sobretudo, de forma não assistencialista, mas que, de certa forma, alinhava-se a uma postura que enfatizava a autonomia da comunidade⁹. Ele sabia que os moradores daquele

⁹Autonomia entendida aqui com o sentido de não dependência do coronelato local, pois como bem mostra o romance “Marajó” de Dalcídio Jurandir (2008), é muito comum que as comunidades ribeirinhas, como as do Marajó, estivessem na dependência dos políticos e latifundiários locais. Nesse sentido, as ações pastorais e museais de Gallo contrapunham-se à estrutura política tradicional que rege a Ilha do Marajó.

município precisavam não só de trabalho, de alimento, de saúde, mas igualmente de valorização da sua cultura, e não só naquele momento, mas também no futuro, de forma que eles precisariam de meios que lhes possibilitassem criar as condições para que isso acontecesse. Em função dos intensos ataques sofridos, inclusive, com ameaças de morte, precisou mudar-se para o município vizinho, Cachoeira do Arari. Este episódio, inicialmente político, apresenta também algo talvez inédito na história dos museus brasileiros e que, simultaneamente, demonstra bem o nexos orgânico entre os dois. Ao fugir de Santa Cruz, Gallo levou não apenas seus pertences pessoais, levou junto consigo o museu.

Em Cachoeira do Arari, após um conturbado período, durante o qual ocorreu a compra e a reforma do prédio - onde, atualmente, está instalado o Museu -, a montagem e ampliação do acervo etc., o agora denominado Museu do Marajó abriu, oficialmente, suas portas em dezembro de 1987. A participação da comunidade, em todo esse processo, foi efetiva e fundamental. O modelo de comunicação museal proposto, partiu da sua observação de que, segundo ele, o brasileiro “tem os olhos nas pontas dos dedos” (Gallo, 1996, p. 260). Deste modo, um museu, naquela região, não poderia seguir os moldes museográficos tradicionais, segundo os quais, o ato de tocar nas peças em exposição é, em geral, vedado ao público. Segundo concebia, as advertências usuais do tipo “Favor Não Tocar” poderiam tornar o MdM pouco atrativo para os locais e uma barreira que dificultaria a recepção da mensagem que o museu deveria transmitir. Razão pela qual, a exposição do MdM era, desde seus primórdios, explicitamente interativa. Com exceção das peças arqueológicas, o visitante era convidado a tocar e a interagir com tudo que se encontrava exposto. Além disso, havia aparatos expositivos que “exigiam” ser manipulados pelo público para serem fruídos.

O MdM conta com um arboreto com exemplares da flora e da fauna amazônica, uma reserva técnica, a casa em que Gallo residia (transformada em Acervo Cultural Pe. Giovanni Gallo, na qual estão expostos alguns de seus objetos de uso pessoal (uma espécie de casa-museu encaixado no museu), a reserva técnica e o túmulo de Gallo (que, desse modo, ficou também transformado em acervo, finalizando e completando uma espécie de simbiose ambulante que Gallo manifestava em relação ao MdM). A exposição de longa duração ocupava¹⁰ uma área de mil metros quadrados, em que se destacavam os “computadores caipiras”, estruturas em madeira, formadas por mecanismos que podem e devem ser manipulados pelo visitante (Oliveira, 2012). Os “computadores” convidam à interatividade e, através da manipulação de placas, fios de algodão, manivelas, a informação sobre

¹⁰O Museu passou a integrar Sistema Integrado de Museus e Memoriais do Estado do Pará em 2020, momento no qual foi assinado um termo comodato entre a Associação O Museu do Marajó e o Governo do Estado, no qual o Estado realizou obras de reestruturação no prédio, gestão do Museu bem como modificou a expografia original. No âmbito do comodato o MdM foi reinaugurado em fevereiro de 2022 (Pará, s.d).

um objeto, um mito, ou sobre elementos da fauna ou da flora, dentre tantos temas que compõem a exposição, é recuperada.

De acordo com Gallo, em entrevista concedida a Josebel Fares (2003), o MdM é, TAMBÉM, um banco de dados, um acervo e uma coleção de artefatos. O “também”, por nós destacado, remete à ideia da processualidade do Museu¹¹, que não está centrado numa única coisa. É possível dizer que se a coisa na qual fica centrado é nos processos informacionais específicos que são (re)trabalhados e relidos dentro do Museu, fazendo com que ele passe a ser entendido como uma espécie de aparelho de processamento de dados, que gera novos dados, novas conformações e combinações dos dados, cuja variação e extensão estão diretamente relacionadas à curiosidade e à formação dos visitantes. Nesse sentido, o MdM também pode ser entendido como um hipertexto, com múltiplas referências narrativas, textuais, enunciativas ou expositivas, transformando-o em lugar de leitura e de releitura, de conhecimento e de autoconhecimento, um lugar do revise-se e do redescubra-se.

E ainda que não seja detectada documentalmente uma filiação explícita e, certamente, nenhuma teorização, o MdM se aproxima dos princípios do museu integral e de ação, integrador do homem ao seu meio ambiente global (ambiente natural e ambiente antropogênico), tendo por base a ecologia humana, uma corrente que busca integrar, consciente e criticamente, o ser humano ao seu meio. Em suma, um museu inculturado. Desse modo e a despeito do paternalismo pedagógico-democrático de seu fundador, a relação do MdM com o patrimônio marajoara baseava-se, na prática e nos seus efeitos sobre a população local, em um paradigma cuja essência, usando os termos de Hugues de Varine, e em que também percebemos proximidade discursiva com Paulo Freire, consiste em tratar o patrimônio como testemunha do passado e do presente, sendo “responsabilidade coletiva da população, traços de identidade de um território, instrumento de educação popular e da invenção criadora do futuro”(Varine, 1987, p.43).

24

O INTELLECTUAL TRADICIONAL – FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA

Como dito, Giovanni Gallo era um padre da Companhia de Jesus, fundada por Loyola¹². Os primeiros jesuítas eram mestres em letras, nas gerações seguintes, havia doutores, o que justificou a

¹¹ A concepção do museu como processo ou de museu processo foi formulada, no Brasil, por Waldisa Rússio em sua dissertação de mestrado, defendida em 1977 (Rússio, 1977).

¹² Íñigo (Inácio) López nasceu na localidade de Loyola, município de Azpeitia, próximo a San Sebastian, País Basco, Espanha, em 1491. De família rica, e caçula de treze irmãos, decidiu dedicar-se à espiritualidade aos 26 anos, quando abandonou a carreira militar. De 1522 a 1523, escreveu os Exercícios Espirituais, baseados em sua experiência de encontro com Deus, através de reflexões que levam em conta sua própria humanidade. De 1524 a 1534, consagrou-se aos estudos

ampliação da atuação da Ordem através da escrita. No processo de formação da Companhia, a escrita exerceu papel estratégico e fundamental como ferramenta de comunicação e de união entre seus membros.

Segundo Lodoño (2002), para evitar a dispersão do grupo, Loyola cuidou para que houvesse, entre os jesuítas, o mesmo vínculo que havia entre súditos e superiores. Através da obediência, do estímulo ao espírito de corpo, da uniformidade de vida e doutrina e da comunicação permanente através de cartas, fazia-se o combate às divisões e, maiormente, às divergências doutrinárias. Interessava estabelecer um sistema mediante o qual as informações circulassem pessoalmente, ou através das “letras”. As notícias e as correspondências deveriam ser edificadoras e mostrar a glória divina nas obras e ações apostólicas. Assim como Loyola e seguindo a tradição jesuítica¹³, Gallo também se utilizou das letras para se defender, reclamar, explicar, refutar. E mais, ainda com base nessa tradição, arquivou seus documentos para que servissem como prova, defesa, lembrança e interpretação. De acordo com Moura (2012), ao longo da história, os jesuítas desenvolveram duas principais vocações: a educadora – com a criação dos colégios e do Código Pedagógico dos Jesuítas, o *Ratio Studiorum* (elaborado por Loyola e posto em vigor em 1552) – e a missionária, em escala mundial.

Durante sua preparação, o futuro jesuíta passava por dez anos de estudos dedicados à Escolástica. Ao fim desse período, o aspirante iniciava os Estudos Superiores em Humanidades ou Letras Clássicas; Filosofia Eclesiástica, com uma formação filosófica aristotélico-tomista, e Teologia. Dessa maneira, o estudante obteria as cinco virtudes intelectuais necessárias, complementadas pelos princípios básicos do método jesuítico: o romanismo (fidelidade ao papa), a polivalência (ter outras aptidões, além da religião) e o ascetismo (manter uma vida moral plena). Após o longo período de preparação, o candidato atingia, em média, a faixa etária entre 31 e 33 anos. Gallo contava entre 31 e 32 anos quando finalizou seu período de preparação.

Entender o jesuitismo parece ser a chave para entendermos o foco/enfoque e o partido museológico de Gallo ao qual podemos, ao menos provisoriamente, chamar de museologia jesuítica,

e graduou-se mestre em Letras pela Universidade de Paris. Agruparam-se ao seu redor sete estudantes (entre os quais, o futuro São Francisco Xavier) com o intuito de catequizar os muçulmanos na Palestina. Fundou a Companhia de Jesus, em 1540, elevada à ordem religiosa pelo Papa Paulo III. Loyola foi o primeiro Superior-Geral da Companhia. Faleceu em Roma, em 31 de julho de 1556, aos 65 anos. Foi canonizado em 1622.

13Gramsci (2002) diz que os jesuítas, por sua ação globalizada, devem ser considerados os maiores representantes da ideologia contra-reformista e da estética barroca. A herança barroca pode ser demonstrada no caso do MdM, pela própria exposição: a maneira como os objetos se distribuem (tanto no espaço expográfico, quanto em sua tipologia), em que, igualmente, pode ser rastreada certa imagem dos gabinetes de curiosidade. E, todavia, dialogam antiteticamente; sua profusão, sua riqueza patrimonial em contraposição à simplicidade das formas e do ambiente etc.

do mesmo modo como tivemos a escola/educação ou pedagogia jesuítica. Para evitar ambiguidades, o que aqui denominamos provisoriamente de museologia jesuítica significa a prática de uma museologia cujo fundamento decorre dos princípios e da tradição científica e pedagógica jesuítica.

E qual a importância do jesuitismo para o tópico que estamos analisando? Considerando, como já mencionamos, o vínculo inextrincável entre Gallo e o MdM, partimos do pressuposto de que, para compreendermos o MdM, em sua gênese histórica e museológica, é imprescindível conhecer e compreender o sujeito que o criou. Personalidade múltipla e até mesmo controversa, Gallo dividia-se entre ser padre, político, educador, museólogo¹⁴ e etnógrafo. Nenhum desses componentes pode ser excluído do conjunto complexo que o configurava como sujeito, cuja prática científica e pedagógica (da qual não pode excluir certo grau de amadorismo) está, em larga medida, em conformidade com a tradição dos homens de saber do final do XIX e início do XX¹⁵, eivados de cultura humanística e conhecimento universalizante das ciências naturais. Trata-se, enfim, de um homem de ciência e religião, responsável pela constituição e sustentação museológica e política do MdM.

26

Assim sendo, conhecer a formação intelectual, política e teológica de Gallo constitui uma necessidade se nos propomos compreender as especificidades museológicas do MdM, incluindo aí sua dinâmica museográfica. São essa formação e seu personalismo que, em larga medida, permitem-nos compreender seu pedagogismo, seu folclorismo, sua produção textual – tanto as correspondências referentes ao trabalho religioso quanto à obra literária – e a guarda/arquivamento de documentos e toda a valorização das tradições populares, da “alma” popular marajoara, tão prezadas e destacadas por Gallo –, tal qual como se reflete na exposição de longa duração deste Museu.

Atentemo-nos, então, ao percurso formativo de Gallo. Ele entrou para o Seminário Arcivescovile em 1938, aos onze anos de idade e, quando finalmente decidiu ser padre, tinha então 29 anos (1956). Ainda criança, descobriu que era diferente das demais, pois sofria de daltonismo¹⁶. Manteve o assunto em segredo e desenvolveu estratégias para que ninguém descobrisse, “então o problema existia, eu devia resolvê-lo. E só, sem ajuda de ninguém, não podia me entregar!” (Gallo, 1996, p. 22). Essa convicção de “não poder se entregar” vai acompanhá-lo pela vida.

¹⁴Gallo possuía o registro nº 20, como museólogo, no Conselho Regional de Museologia (COREM) – 6ª Região. Também desempenhou a função de Secretário de Cultura do município de Cachoeira do Arari entre os anos de 1989-1992.

¹⁵Do ponto de vista estritamente científico, nesse período, há várias e importantes contribuições de homens de ciência que foram chamados de amadores por: a) nem sempre terem formação acadêmica específica; b) nem se dedicarem integralmente às atividades científicas. Na história da Antropologia brasileira, destaca-se, por exemplo, Curt Unkel, mais tarde rebatizado como Curt Nimuendajú que, de formador de coleções etnográficas para museus estrangeiros, veio a tornar-se um dos maiores etnógrafos do Brasil.

¹⁶“Discromatopsia é um termo usado para designar qualquer tipo de defeito de visão de cores. A expressão “daltonismo” é popularmente usada como sinônimo de discromatopsia, em referência ao químico John Dalton, (1766-1844), o primeiro cientista a estudar o assunto (Melo; Galon; Fontanella, 2014).

Após o noviciado, Gallo cursou o *Carissimato*, tempo em que ocupou o cargo de vice-bedel¹⁷. O *Carissimato* é composto por três anos de estudos clássicos (liceu), mas Gallo cursou em dois¹⁸ por sofrer de problemas de saúde (artrose). Após esse período, fez dois anos do curso de Filosofia na periferia de Turim (Villa San Paolo). Cursou o terceiro ano de Filosofia na Faculdade de Gallarate e passou para o Curso Maior de Teologia. Foi nesse momento da formação que começou a especialização jesuítica, na qual o grupo é dividido entre aqueles que são destinados aos estudos sacros ou profanos, e outros à pregação ou atividades particulares. Gallo foi encaminhado para o colégio de Lecce, mas desejava estudar línguas e acreditava que isso se realizaria em decorrência de algumas conversas que havia travado com seus superiores. Entretanto, como ele mesmo comentou, “para meu espanto, vi que estava destinado ao colégio de Lecce, sem uma palavra de explicação, sem uma justificativa pela imprevista e radical mudança. [...] e assim, de repente, a minha vida tomou um rumo completamente diferente e imprevisto (Gallo, 1996, p. 68).

Essas passagens em que, “de repente”, a sua vida muda de rumo, repetiram-se algumas vezes. Todavia, como fora educado para ser obediente dentro de uma disciplina rígida, do tipo religioso-militar, ele apenas acatou as ordens, sem questioná-las, pois, segundo ele mesmo afirmava, um “jesuíta não discute ordens” (Gallo, 1996, p. 73).

Posteriormente, foi enviado para a Ilha de Sardenha/ Itália para ser missionário e capelão dos presos, período em que ainda vigorava o Código Barbaricino, “que considerava o roubo de gado como uma forma de resgate social, de emancipação da miséria” (Gallo, 1996, p. 86). Ao conversar com os presos, seus familiares, com a polícia e moradores em geral, conseguiu montar um panorama das histórias de roubo. A mesma estratégia foi utilizada por ele em seu período marajoara, quando conversou com fazendeiros, pescadores, polícia rural e moradores para entender o sistema do roubo de gado que ocorria em Santa Cruz do Arari.

Após dois anos na Sardenha (1959 a 1961), foi indicado para atuar como Capelão dos Emigrados Italianos na Suíça, com a missão de salvar os emigrados italianos dos protestantes e dos comunistas. Considerou o período de oito anos à frente da Missione Cattolica Italiana del Birseck como o ponto alto de sua atividade como padre, em que procurou mostrar, para italianos e suíços, os pontos de convergência entre eles. No sétimo ano de missão na Suíça, pensou em atuar em algum país do Terceiro Mundo, preferencialmente em algum país de língua espanhola. Enviaram-no,

17Chefe de disciplina em escolas; funcionário responsável por atividades administrativas em faculdades; em algumas universidades europeias, pessoa responsável por atividades como chamada de alunos, pauta de provas.

18Gallo (1996) relatou que era comum que alunos com problemas de saúde fizessem os estudos em um tempo menor que o estipulado. Junto com ele, mais quatro colegas de turma cursaram apenas dois anos de *carissimato*.

contudo, para o Brasil, onde atuavam padres da Província de Milão. Após dois anos de trabalho em São Luís do Maranhão em 1973, foi transferido para o Pará, vinculado à Prelazia de Ponta de Pedras, para assumir a Paróquia de Santa Cruz do Arari, na Ilha do Marajó.

Em Santa Cruz, imergiu na cultura local, no modo de ser do pescador do Jenipapo, em um contínuo trabalho de campo de cunho etnográfico: “estava na melhor das situações para conhecer coisas que nenhum livro poderia ensinar-me” (Gallo, 1996, p. 183). Tinha, então, 50 anos e permitiu-se vivenciar situações para as quais os pescadores locais eram preparados desde tenra idade. Pescou, salgou peixes, acompanhou caçadores, foi para o balcedo¹⁹.

Tinha consciência de que havia pessoas que não entendiam por que ele se comportava daquele modo. E ele se perguntava o que constituía sua paróquia: as casas ou as pessoas? Tinha, entretanto, a convicção de que a paróquia não é a Igreja e, sim, as pessoas²⁰. A paróquia é um aparato formativo-educativo da Igreja, enquanto instituição. Mas a Igreja, pensada como comunidade (*'ekkllesia*), não é a paróquia; pois é constituída pelas pessoas em comunidade. Nesta acepção, a paróquia é o lugar da vida religiosa, sociocultural e política.

28

Nesse processo de imersão pelo qual passou, vivenciando a realidade ou meio ambiente local, ele acabou também por passar por um processo de desconstrução e de reconstrução de seu modo de ser e de viver. Em termos atuais, pode-se dizer que Gallo passou, no que tange à realidade integral marajoara, de uma perspectiva ética para uma imersão de caráter êmico. E todas essas características juntas servem para explicar, em maior ou menor grau, em relação ao MdM, o que aqui denominamos de simbiose criador-criatura.

De acordo com a classificação gramsciana dos intelectuais, Gallo pode ser definido como um intelectual tradicional, do tipo eclesiástico (Gramsci, 2000)²¹, dada a sua formação jesuítica, que passou a ter uma identificação quase orgânica com as comunidades marajoaras nas quais, com as quais e, de muitos modos, para as quais viveu. Em entrevista concedida ao Jornal O Estado do Pará, em 23 de março de 1980, o repórter lhe perguntou se ele se considerava um herói, um pobre ou um

¹⁹Balcedo ou Barcedo: “terreno alagadiço, nos campos, onde as plantas altas ou sarmentosas dificultam o trânsito. O balcedo é sempre atolento enquanto encharcado” (Miranda, 1968, p. 7).

²⁰Percebem-se certas ressonâncias aqui com o questionamento mais contemporâneo acerca dos museus. Museu é o prédio, a coleção ou uma função social, ou melhor dito, sociocientífico-pedagógico voltado para a população? O central, no que tange aos museus, são as coisas ou as pessoas? Isto é, o museu deve se voltar para as coisas, enquanto missão, ou estar, a partir e com a sua coleção e todo o seu aparato institucional, em sintonia com as pessoas, sua realidade, problemas, expectativas? E não foi essa a questão nuclear debatida na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e de que resultaram os conceitos de museu integral e museu ação?

²¹Em termos genéricos, Gramsci (2000) classifica os intelectuais em tradicionais (aqueles que, apesar de estarem ideologicamente ligados à classe dominante, não necessariamente fazem parte dela) e orgânicos (aqueles que são oriundos de uma dada classe e, ideologicamente, expressam essa classe).

homem sacrificado? Ele respondeu que o padre nunca será pobre de fato, porque sempre terá uma estrutura que lhe dará assistência quando e se precisar. Para ele, pobreza era a incerteza, a falta de segurança na vida.

No que concerne à sua imersão na vida marajoara, estava plenamente consciente de que por mais que ele tentasse se identificar com o caboclo, sentir-se como caboclo, ele não o era. Estava ciente da distância existencial, cultural, intelectual e econômica que o separava da população marajoara em geral. Afinal, ele tinha uma formação acadêmico-eclesiástica, ao passo que “o caboclo não lê nada. A falta de segurança do futuro para mim é um pesadelo, para o caboclo não é nada [...] porque o amanhã não lhe interessa, não existe” (Gallo, 1997, p. 251).

Frente a essa realidade, Gallo sentia-se como um ser dissidente. Como relatou, na filosofia Escolástica, tudo se encaixava, tudo se resolvia (daí também podermos compreender que o que não encaixava se transformava, para ele, em pesadelo). Entretanto, nesse momento de sua vida, ele se via precisando refazer-se, repensar-se, em função de sua saída da Ordem Jesuítica²², na qual uma grande parte de sua visão de mundo fora constituída. Pelas suas lutas travadas no Marajó e em diversas frentes, assim como pelo que deixou escrito e declarava, não é exagerado deduzir que ele era movido por um ideal de justiça social, de amor ao próximo, buscava a igualdade, o tratamento equânime para todos. Assim como devia considerar que o sofrimento pelo qual passou tinha algo de sacrifício.

Nesse sentido, imbuído de uma práxis político-ideológica cristã, ele não apenas preocupava-se com o bem do outro, mas agia no intuito de fazer bem ao outro. Sinteticamente, essa postura fica evidente nas duas linhas de ação as quais ele se dedicou organicamente no Marajó: a missionária e a museológica.

O MDM E A PRÁTICA DE UMA MUSEOLOGIA LIBERTADORA

Dentre as influências que reverberam na prática museal de Gallo, destacam-se as teorias de Paulo Freire²³ e as resoluções da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (doravante, MRS). Freire defendeu em suas obras, com base no marxismo, temperado com a práxis cristã, a tese de que a relação dialética entre opressores e oprimidos só pode ser superada mediante uma educação que seja desalienante e efetivamente libertadora. O processo em busca da autonomia consiste justamente em

²²Foi oficialmente dispensado dos votos feitos na Companhia de Jesus em 26 de março de 1984 (Oliveira, 2017).

²³Paulo Freire nasceu em 1921 na cidade do Recife. Foi educador, pedagogo e filósofo. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. Faleceu em 1997 (São Paulo). Para saber mais, acesse: <http://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>.

levar a que os oprimidos recuperem sua plena humanidade. Nesse processo, que também se aplica aos museus, há, segundo ele, total incompatibilidade entre ser ética e politicamente engajado e qualquer postura de neutralidade (Freire, 2016).

A emancipação da conjuntura que leva à opressão é um processo pedagógico e político-social. Em vista disso, a libertação deve acontecer em sociedade, pois “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987, p. 29). O processo de desumanização, em especial, o levado a efeito pelo modo capitalista de produção e civilização, coisifica e mercadoriza os homens. Para se reconstruírem, é importante que transcendam o estado de coisificação e lutem por sua (re)humanização. Em suma, que passem a ter plena consciência de serem sujeitos e cidadãos e, em consequência, ajam como tal.

Segundo Freire, opressores geram opressores, e muitos oprimidos almejam tornar-se opressores por causa do poder que essa condição concentra. Todavia, apesar do opressor parecer gozar de autonomia, ele tampouco é um ser livre, porque depende do oprimido para manter-se em seu lugar de poder. Nessa tese freiriana, ressoam os princípios enunciados por La Boétie sobre a servidão voluntária (Chauí, 2013). La Boétie considera que, em suma, os homens servem porque lhes move também o desejo de serem servidos, perfazendo, assim, uma contínua relação instituinte de opressores e oprimidos. Desse modo e para quebrar essa sequência, “somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores” (Freire, 1987, p. 24). Ou seja, quando os oprimidos se libertarem, deixarão de existir opressores. Para Freire, a conquista da liberdade ética, ou autonomia, virá somente através de uma educação não reprodutora. Daí a premissa freiriana de ser necessário desenvolver uma educação que seja libertadora.

30

Em conformidade com Freire, o diálogo tem papel fundamental numa educação libertadora, calcada na responsabilidade, pois, cada ser humano é responsável pelo que faz ao mover-se no mundo, Razão pela qual, sem essa noção de responsabilidade não se pode falar em ética (Freire, 2016). Para que o diálogo e o aprendizado sejam efetivos, ser utilizados temas geradores. De acordo com o autor, “não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade” (Freire, 2016, p. 39). Por esse motivo, investigar o tema gerador é “investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis” (Freire, 1987, p. 56). Deste modo, os temas geradores propiciam o diálogo e a interação e coparticipação entre os elementos envolvidos no processo educativo-formativo.

Pode-se transportar a noção de temas geradores, de dialogicidade e responsabilidade, propostos por Freire, para a realidade museal, em geral, e para o MdM, em particular, e usar como

exemplo alguns dos temas utilizados por Gallo para montar os aparatos interativos que ele denominou “computadores”, como a *Medicina da Terra*, o *Tribunal do Urubu*, *Você Fala Tupi*, *Assim Falam os Caboclos*, *Cozinha Marajoara*, *Pajelança*, *As Lendas Amazônicas*, *Os Complexos do Jacaré*, dentre outros. A partir do diálogo e da pesquisa, o educador captará os temas geradores que compõem o universo do educando. Dessa forma, valoriza-se, também, o contexto histórico-cultural local que fundamentará os conteúdos das aulas. Isso facilitará a aprendizagem, pois os termos coletados integram o cotidiano dos alunos (Oliveira, 2012, 2017).

As propostas de Freire são transformadoras não somente na área da educação formal, mas também na Museologia e estão presentes, como substrato, na Declaração da MRS. Hugues de Varine, diretor do ICOM à época da realização da MRS, era leitor da obra de Freire. Trabalhou junto com o educador no Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP), entidade fundada por ele que, então, convidou Freire para presidi-la. De acordo com Mário Chagas (1996), Varine utilizou a teoria pedagógica difundida por Freire em seu trabalho à frente do ICOM. Foi a partir dessa parceria, e com o propósito de realizar uma reunião na América Latina protagonizada por museólogos latino-americanos, que Varine convidou Freire para dirigir a Mesa-Redonda que aconteceria em Santiago (Chile) em 1972²⁴. E Freire aceitou o convite e a sugestão de transpor suas ideias para a área da Museologia. Sua participação, entretanto, não foi possível em decorrência da ditadura militar vigente no Brasil e que vetou a ida “desse personagem ‘subversivo’ em uma reunião da Unesco” (Varine, 2012, p. 142).

Dentre as diversas influências resultantes da MRS, é possível dizer que, em seus princípios, ela também influenciou o ecomuseu, a Nova Museologia e a Museologia Social, dentre outros. Inspirada pelas ideias e ideais freirianos e pela Teologia da Libertação (doravante, TdL), Priosti (2010) desenvolveu o conceito de Museologia da Libertação, adaptando a TdL à Nova Museologia. De acordo com Priosti (2010, p.151), a Museologia da Libertação é

[...] uma museologia protagonizada por comunidades que, numa abordagem claramente política [...] criam processos museológicos, ou seja, musealizam seu espaço vivido, seu patrimônio, as relações dinâmicas da vida em comunidade e os utilizam como meios e caminhos para conscientizar os membros das comunidades

²⁴É sempre oportuno lembrar porque a Mesa-Redonda ocorreria no Chile. Por ser o único país sul-americano que ainda era uma democracia, onde havia liberdade de ideias (sob o governo de Salvador Allende) e, portanto, onde havia clima propício para uma reunião cuja linha mestra era justamente a liberdade, a partir da crítica à cadeia opressor-oprimido, tanto no que concerne à educação como ao museu, sendo este, em princípio, uma entidade educativo-formativa. Outro fator importante sobre essa Mesa-Redonda, e que devemos ressaltar, é que ela foi pensada como locus de debate entre museólogos latino-americanos. Isto é, de e para latino-americanos, sem a tutela teórica e linguística dos especialistas europeus (Varine, 2010). Movimento em que podemos perceber um princípio do que, mais tarde, foi chamado, em geral, de meridionalização e, em particular, de suleamento ou sulear (Campos, 2015).

sobre si mesmos, afirmar suas especificidades, potencializar neles a autonomia e a iniciativa.

Trata-se do processo através do qual as comunidades constroem resistências a partir de suas memórias. Se entendermos Freire como aquele que une dialeticamente, de um lado, a MRS e, de outro, a TdL, obteremos referencial para mostrar que Gallo, desse ponto de vista, está imerso nessas ideias, que nele se reforçam com base na sua formação pedagógica e missionária jesuítica. Esse é o fundamento para entendermos as relações interdiscursivas²⁵ e museais que podem ser observadas na prática museal e, em certa medida, na vida de Gallo, especialmente em sua fase marajoara. A partir desses vestígios discursivos, podemos traçar uma filiação de Gallo a esses dois elementos, especialmente, se levarmos em conta que, tanto a pedagogia freiriana (presente na MRS), quanto a TdL, estão alicerçadas em uma interpretação político-social emancipadora de base cristã – mesmo que, em ambos os casos, o método crítico-analítico esteja calcado no materialismo histórico.

Apesar de vislumbrarmos, na obra de Gallo, essas ressonâncias, não podemos deixar de especular o quanto essas propostas emancipadoras deviam fazer parte das inquietudes e conflitos ideológicos em Gallo, considerando a sua rígida formação jesuítica. Não é sem razão que, como apontado acima, ele passou por uma fase de reestruturação do seu pensar-e-agir, o que, certamente, fortificou sua práxis pedagógica e museológica. E estamos convictos de que é justamente o vetor libertação que une a MRS à TdL e, por consequência, leva uma nova práxis museológica, cuja afinidade com a TdL, foi explicitada por Varine (2010, p. 42):

[...] no momento em que se fala não somente de teologia da libertação, mas de filosofia da libertação, o Museu está pronto para desempenhar seu papel libertador das forças criativas da sociedade, para a qual o patrimônio [e, acrescentamos, o museu] não é mais somente um objeto de deleite, mas antes de tudo uma fonte maior de desenvolvimento.

Histórica e culturalmente, os movimentos de libertação, tanto na educação, quanto na Museologia, ligam-se ao contexto de efervescência política, social e cultural das décadas de 1960 e 1970. É nessas décadas que surgem movimentos teológicos de renovação na Igreja Católica, dentre os quais o que ficou conhecido como Teologia da Libertação²⁶. É importante ressaltar o importante

²⁵Ideias, conceitos, paradigmas, visões de mundo e releituras transitam e afetam os sujeitos sociais independentemente dos possíveis mecanismos de controle e tomadas de consciência. Assim, não é necessário que alguém leia, documente-se ou entre diretamente em contato para filiar-se, discursivamente, a uma ou mais formações discursivas. É a essa dinâmica histórica e sociocultural que se denomina interdiscursividade, ou efeito de memória e ideologia dos discursos.

²⁶ A expressão teologia da libertación aparece na obra de Gustavo Gutiérrez, publicada em 1971. A obra dialoga com a Nouvelle Theologie, com a Teologia Política de Yohan Metz e a Teoria Crítica desenvolvida na Escola de Frankfurt. No Brasil, seus representantes mais conhecidos são Paulo Suess, Frei beto e Leonardo Boff. Quanto à relação entre Freire

papel do papa João XXIII e do Concílio Vaticano II na renovação da Igreja Católica, que teve influência no desenvolvimento de uma ação social por parte da igreja. Enfim, o que fica ressaltado nesse período – em particular, nos dois elementos que constituem o foco do nosso trabalho, a MRS e a TdL – são os efeitos renovadores do que Varine (2010) chamou de filosofia da libertação e que se opunha, em termos globais, à guerra fria e, regionalmente, às ditaduras que dominavam a quase totalidade da América Latina.

Para Andreo (2015), a TdL insere-se no processo de renovação (*aggiornamento*) do catolicismo social latino-americano. De acordo com Azevedo (2004), a América Latina foi o primeiro continente a se mobilizar para impulsionar as renovações aprovadas pelo Concílio Vaticano II, realizado entre os anos de 1962 e 1965, convocado e iniciado pelo Papa João XXIII e, com a sua morte em 1963, finalizado por Paulo VI. A pauta desse Concílio era composta por temas como os rituais da missa, a liberdade religiosa, a relação da Igreja com os fiéis, as relações da Igreja Católica com as outras igrejas cristãs e crenças não cristãs, dentre outros assuntos.

De acordo com Sílvio Medeiros (2006), a TdL é uma corrente teológico-ideológica que promove, dentre outras coisas, a participação da Igreja Católica no campo político-social. O termo “libertação” refere-se à emancipação do ser humano de toda as desigualdades socioculturais e político-econômicas. A TdL²⁷ compreende o “pobre” como sujeito de sua própria libertação, como aquele que tem força para assumir seu protagonismo no processo de transformar “o sistema de dominação por um outro mais igualitário, participativo e justo” (Boff, 2011, n.p.). Essa assunção do protagonismo do pobre/oprimido também está presente na pedagogia freireana e, em certa medida, no museu integral de ação. Escusado dizer que a TdL foi muito importante nos movimentos de resistência às ditaduras latino-americanas e, por isso mesmo, rigorosamente combatidas pelos governos civis-militares e por diversas correntes conservadoras dentro da Igreja, tendo sido condenada como subversiva pelo Papa João Paulo II.

Compreender as propostas e o que foram a MRS e a TdL reforça sua vinculação ao discurso museal de Gallo. Isso fica evidenciado, particularmente, em uma passagem em que ele escreveu precisar de um aparato social que se coadunasse com seu pastoreio, termos que possuem aproximação discursiva com a TdL, principalmente, na década de 1970. Entretanto, no cômputo geral e em uma perspectiva discursiva, não é imprescindível, ainda que de grande importância analítica, dispor de uma documentação em que fique expressa essa filiação de Gallo à TdL e à MRS. O fundamental é

e a TdL, sabe-se que ele foi convidado pela Conferência dos Bispos do Brasil, nos anos 1970, para atuar como o educador nos sindicatos católicos.

²⁷Sobre o contexto histórico da TL na América Latina, sua relação com o marxismo e outros aspectos, ver Löwy (1989).

detectar, na sua práxis pedagógica e museológica e na sua luta por justiça social, os traços discursivos delas, ainda que na forma de vestígios. E isso fica ainda mais evidente quando se analisa o MdM, como um museu de ação, integrado à e imerso na comunidade marajoara e que, por isso mesmo, sua narrativa museal era enunciada em primeira pessoa do plural. Apesar de ter sido criado por Gallo, uma vez que a ecceidade do MdM é que ele só existe como museu *para* e *com* a comunidade marajoara. Deste modo, é possível caracterizar o MdM como um museu de/em primeira pessoa.

Em *O tempo Social* (1987), Varine expressou conceitos e proposições de ação sociocultural que também se verificaram na MRS e na TdL e que são, igualmente, muito próximos daqueles aos quais se alinhava Gallo em sua práxis missionária e museológica, ao menos, durante o período em que viveu e atuou no Marajó e que, no caso específico de Gallo, do ponto de vista político e da práxis social, podemos chamar de cristianismo de esquerda. Nesse conjunto indecomponível de teoria e prática, a noção de cidadania ocupa a centralidade, como princípio e finalidade. O cidadão é, nesse sistema, concebido, de um lado, como aquele que reage “contra o discurso circundante que esconde, mais ou menos bem, uma **ideologia cultural de opressão**” (Varine, 1987, p. 18 – grifos nossos); e, de outro, aquele que, como sujeito protagonista da história (e da cidade), tem consciência de que “sua vontade, sua liberdade e seus interesses devem constituir os instrumentos de medida de todas as ações, no respeito da vontade, da liberdade e dos interesses do conjunto comunitário ao qual pertence” (Varine, 1987, p. 17). Ainda que a ele não se refira, Varine traça igualmente o perfil do museu integral de ação, saído da MRS, cuja postura político-museológica pode ser associada à da TdL. Sendo este também, como vimos considerando, o partido museológico do MdM, o qual, tendo em vista, o perfil de seu criador, manifesta, em sua proposta e ações, esses ideais que foram consagrados pela esquerda cristã.

É preciso lembrar que tanto na TdL quanto na MRS o mote principal era o agir transformador. Mas não qualquer tipo de ação. Trata(va)-se, sobretudo, da ação conscientizadora e libertadora. Da ação (pela escola, igreja, museu, artes e, principalmente, pela comunidade) com vistas à autonomia²⁸. Particularmente, no sentido que Cornelius Castoriadis (1987) atribui a esse termo, tendo o sujeito como responsável exclusivo pela autoria das leis sob as quais vive. No que tange especificamente ao museu, implicaria na passagem da relação bancária deste com o público – que pode ser expressa pelo modelo “de... para” –, para a relação efetivamente democrática (coparticipativa, igualitária), expressa pelo modelo “com... para”, no qual o argumento de autoridade do especialista (representante,

²⁸ Do grego *auto* (próprio) + *nomos* (lei, governo, domínio; literalmente, é aquele que é responsável pela autoria da lei que o rege, o que, em sociedade, implica um ser coletivo). Nesta acepção, a autonomia é incompatível com qualquer tipo de governo não democrático ou com qualquer tipo de crença em entidades sobre-humanas.

segundo Chauí, 2014, de uma ideologia e discurso da competência) deixasse de ser o dominante. Em termos castoriadianos, implica a substituição da heterônima vigente pela autonomia²⁹.

A museologia de ação é, portanto, aquela que não se limita a observar e a criar uma metarrealidade apresentada ao público, mas aquela que se empenha e engaja-se com os sujeitos locais (considerado aqui como agentes sociais) para a solução endógena de problemas detectados nessa realidade e enfrentados por esses sujeitos, visando à melhoria das condições de existência. Em suma, um museu que também pode ser denominado êmico. Tomamos a palavra ação na acepção variniana de aquilo que “tem por meta trocar uma situação real para resolver um problema preciso” (Varine, 1987, p. 31), como uma forma consciente e conscientizadora de alcançar a autonomia. Razão pela qual vamos nos permitir grafar esse tipo de posicionamento museal como museologia da libertação.

Nessa perspectiva, o museu assume a função de agente conscientizador. Trata-se de um agente que, nos termos de Varine (1987), é chamado de animador, ou seja, um mediador. Aquele que atua na comunidade como um catalizador, imbuído pedagógica e politicamente, de uma espécie de maiêutica socrática. Não tem por função dizer e, menos ainda, determinar o onde, o quê, o quando ou o como de uma ação comunitária, mas tão somente usar de sua *expertise* para mediar discussões, proposições e decisões autônomas e estar capacitado para extrair o mais eficiente e eficaz do movimento endógeno. Para atingir os objetivos coletivos, esse mediador-catalizador, inculturado na comunidade, poderá fazer uso, como parte do procedimento maiêutico, dos diversos recursos e técnicas da mediação e da divulgação.

35

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenhamos enfatizado o percurso, digamos, positivo do MdM, temos plena consciência de que esse percurso transformador não ocorreu sem obstáculos, fricções, tensões e disputas variadas, em particular, com os potentados locais (as autoridades leigas e religiosas, os grandes proprietários e suas famílias tradicionais que, no contexto marajoara, em geral, misturavam-se), mas também enfrentou resistências e recusas por parte de frações da população.

Entretanto, como já referido anteriormente, o que movia Gallo era um certo ideal de justiça. E onde se observa isso? Em primeiro lugar, na sua ação missionária, mas não catequética. Ou seja,

²⁹Sem negar o lugar da utopia, é óbvio que isso implica inúmeras (e, muitas vezes, insolúveis) e variadas dificuldades, sobretudo, para os museus de metrópoles, que atendem a coletividades das mais diversas. Caso em que a primeira dificuldade consiste justamente em atender às demandas diversas e, por vezes, contraditórias, manifestadas por essas coletividades, as quais, em sua própria composição, já são heterogêneas.

não era tanto na catequese que Gallo estava interessando, e sim na aplicação dos princípios básicos do Cristianismo, de amor, porque, para ele, a justiça estava, intrinsecamente, ligada ao princípio cristão de amor ao próximo, no sentido de que, quando se ama ao próximo, aplica-se, ao próximo, a justiça. Quer dizer, o tratamento equânime, a busca da felicidade que significa, algumas vezes, mudar a situação daquele indivíduo: se ele é pobre, tirá-lo da pobreza; se não tem emprego, conseguir emprego para ele. Em suma, conseguir meios que garantam a sua condição social de existência.

Isso pode ser observado nas duas linhas de atuação do Gallo: seja na *ekklesia* – na sua comunidade –, como padre *stricto sensu*, mais preocupado com as ações da Igreja do que, propriamente, com as ações catequéticas, embora delas não descurasse, seja como museólogo-etnógrafo, interessado em estabelecer um sistema educativo, de divulgação, de preservação e de (auto)reconhecimento dos valores locais. Isso porque, segundo ele, a população marajoara não apenas se encontrava desligada da história da Ilha, como demonstrava pouco apreço pelos vestígios arqueológicos que, comum e abundantemente, encontrava. Nos termos atuais, é possível dizer que a ação patrimonial de Gallo, junto à população marajoara, foi importante para que essa se conscientizasse da relevância etno-histórica e memorial desses vestígios do passado da ilha.

36

Por outro lado, em relação à filiação de Gallo à TdL, do ponto de vista missionário, e à MRS, do ponto de vista museológico, embora não dispondo de documentos que possam confirmar uma coisa ou outra, podemos deduzir, com base em sua práxis religiosa e museal, que ele estava imbuído desses ideais, que são, fundamentalmente, ideais cristãos, ou social-cristãos. Esses ideais e prática evangelizadora diferiam da doutrina majoritária da Igreja que falava de amor e igualdade abstratos, somente alcançáveis num futuro e no reino do céu. De acordo com as teologias renovadas, inverte-se essa ordem: é preciso praticar o amor e a igualdade na vida terrena, em sociedade.

Contudo, como apontamos anteriormente, essa não é a posição teológica e social de Gallo. Para ele, não é preciso esperar a morte para que se cumpra o ideal de felicidade. Ao contrário, é preciso procurar, na terra, os meios para realizar a felicidade. Vemos, pois, que a práxis de Gallo mostra uma proximidade, seja como missionário, seja como museólogo, com a TdL, justamente porque ela toma esse ideal social-cristão como fundamento e razão do ser do homem, que, segundo a TdL, constituía o núcleo central da concepção mesma de cristandade.

Em relação à MRS, a situação é a mesma: o que o move é o ideal de justiça e esse ideal vai transparecer empiricamente em diversos programas e ações promovidos pelo MdM com o objetivo de dar condições socioeconômicas à população carente como condição *sine qua non* para a preservação sociocultural. Uma clara proximidade com o museu integral e de ação tratado na MRS.

E o Museu, para ele, encarna esse lugar da ação integral em prol da comunidade. Logo, tanto quanto na MRS, o que está no centro da atividade museal é o ideal de justiça. Este é o propulsor de tudo o que vai acontecer: dos ideais de sobrevivência, dos ideais de sustentabilidade, do museu como lugar de valorização da identidade marajoara do passado e do presente, e fazendo a relação do homem do presente com o homem do passado, valorizar aquilo que é próprio do Marajó e do marajoara.

Sobre o caráter apropriadamente jesuítico da museologia do Gallo, com o qual ele tempera e relê, por exemplo, o eixo político-ideológico da MRS – atentemo-nos para a análise gramsciana sobre a prática jesuítica baseada em um “paternalismo populista” (Gramsci, 2002, p. 119), como uma típica postura, ao mesmo tempo, pedagógica, sociopolítica e conservadora (no sentido de realçar a importância da tradição e sua manutenção), dos jesuítas no trato das questões populares, por exemplo, o saber local, o passado histórico-arqueológico, os componentes culturais etc. Ao mesmo tempo, podemos deduzir que as ações do Gallo incluíam, também, noções conceituais e eixos sociopolíticos (próprios da época) que vinham, por exemplo, da Mesa-Redonda de Santiago e da Teologia da Libertação – e o artigo do Gallo, em seu primeiro parágrafo, publicado na Revista Ciência em Museus³⁰, dá-nos conta desse caldo complexo com variados ingredientes que compõem o seu partido museológico.

Esse paternalismo populista jesuítico parece-nos ser o eixo central da teoria e da práxis de Gallo, seja como museólogo, seja como pesquisador das coisas marajoaras, seja como pároco, seja como mediador social. Aventamos a hipótese que é esse aporte jesuítico populista e paternalista que o leva a valorizar o povo – inclusive, em sua luta por emancipação, seja ela cultural ou político-econômica, ainda que dentro da ordem, por assim dizer –, suas tradições étnicas, o saber-fazer, suas formas de expressão artística e gastronômicas, realçadas como autênticas, mais como enfoque folclórico do que etnológico.

Tendo por eixo principal ou motivador e deslanchador a ação, mas da qual também resultaram, no que tange a quadro teórico, inquirições de natureza histórica, antropológica, arqueológica, econômica e museológica, não é difícil categorizar as análises e as transformações socioculturais, derivadas da atuação de Gallo, especialmente na condução do MdM, como um modo de ação-pesquisa. De tudo que foi dito acerca desse ainda hoje pouco conhecido e controverso padre-museólogo, assim como do MdM, podemos inferir que, no tocante à ação museológica e museográfica

30“O Museu do Marajó, em Cachoeira do Arari, é o produto de uma fórmula, cheia de elementos contraditórios, acertados ou criticáveis dependendo do ponto de observação. Uma obra original, mais ou menos heterodoxa, fadada a um respeitável sucesso, desde que conte com a colaboração de um elemento extrínseco, um razoável apoio financeiro” (Gallo, 1989, p. 91).

– uma vez que no que se refere à administração, ele era do tipo concentrador –, ele logrou implantar, ao menos relativamente, uma museologia colaborativa.

Estamos, enfim, diante de uma personalidade bastante complexa, ou retraduzindo as suas declarações sobre as reestruturações que experimentou – mais fortemente em sua relação êmica com a realidade marajoara –, podemos observar o Gallo desse período como uma metamorfose ambulante que, do jesuitismo, aproxima-se, teologicamente, dos princípios da TdL, filiando-se a um cristianismo mais social e mais terreno. Na museologia, incorpora ideais da pedagogia e da museologia da libertação, criando um museu integrado à realidade amazônica, em geral, e marajoara, em particular. Sintetizando, podemos mencionar que Giovanni Gallo tinha como eixo central, de sua práxis missionária e museológica, um ideal cristão de justiça, associado ao paternalismo populista, de tradição jesuítica. É com base nesse eixo que compreendemos não só a sua ação, mas igualmente o próprio MdM, por ele criado e com o qual manifestava uma clara relação simbiótica.

REFERÊNCIAS

38

ANDREO, Igor Luís. *Atualização Católica e Teologia da Libertação no Brasil e no México: um estudo histórico-comparativo entre a Revista de Cultura Vozes e a Revista Christus (1966 – 1980)*. 2015. 253 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/17a40bd3-7222-4de1-aa9f-ace0c8b80415>. Acessado em: janeiro de 2017.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 52, Dez. 2004, p. 109-120. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300009> Acessado em: fevereiro de 2017.

BOFF, Leonardo. Quarenta anos da Teologia da Libertação. *Leonardo Boff*, 9 ago. 2011. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/#:~:text=Sem%20o%20pobre%20e%20o,tem%20sentido%20lutar%20pela%20liberta%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em: fevereiro de 2017.

BORGES, Luiz Carlos. Museu Como Espaço de interpretação e de disciplinarização de sentidos. *Museologia e Patrimônio*, v. 4, n. 1, p. 37–62, 2011. Disponível em: <https://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/197>. Acesso em: 28 ago. 2025.

CAMPOS, Marcio D’Oliveira. SURrear, NORrear y ORIENTar: puntos de vista desde los hemisférios. In: LEYVA, Xochitl et al. *Prácticas otras de conocimiento*. Entre crisis, entre guerras. San Cristóban de las Casas, Chiapas: Cooperativa Editorial Retos, 2015. p. 433-458.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto*. v. 2 – os domínios do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 394-428.

CHAGAS, Mário de Souza. Respostas de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 5, n. 5, 1996, p. 5 - 18. Disponível em: <https://recil.ulusoфона.pt/items/bd998372-ba09-4744-b616-55811ba01fde>. Acessado em: março de 2017.

CHAUÍ, Marilena. *História do povo brasileiro – mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Contra a servidão voluntária*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. (Escritos de Marilena Chauí. v. 1. Organizado por Homero Santiago).

CHAUÍ, Marilena. *A ideologia da competência*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. (Escritos de Marilena Chauí. v. 3. Organizado por André Rocha).

FARES, Josebel Akel. *Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação*. 2003. 247f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GALLO, Giovanni. *O Museu do Marajó. Ciências em MUSEUS*, n. 1, p. 91-94, 1989.

GALLO, Giovanni. *O homem que implodiu*. Belém: Secult, 1996.

GALLO, Giovanni. *Marajó, a ditadura da água*. Belém: Secult, 1997.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. V. 2 – Os intelectuais. O princípio formativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. v. 6 – Literatura, folclore, gramática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. Belém: Edufpa; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2008.

KONDER, Leandro. *Em torno de Marx*. São Paulo: Boitempo, 2010.

LODOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. *Revista Brasileira de História*, [S.I.], v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fj%2Frbh%2Fa%2FTm5jPtWrVj7HwSHNSP6DrBN%2F%3Fformat%3Dpdf%26lang%3Dpt&psig=AOvVaw1tSa66wMybDKWBtAgFNY4v&ust=1740777682755000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CAYQrpoMahcKEwjo0ZOz5OSLAXUAAAAAHQAAAAAQBA> Acessado em: abril de 2015.

LÖWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. *Lua Nova: revista de cultura e política*, São Paulo, n. 19, p. 5-22, nov. 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/kYW9tBQ3qf3g4Wb9nNRXjQm/>. Acessado em: fevereiro de 2017.

40

MEDEIROS, Sílvio. Teologia da Libertação e Frei Boff. *Veritatis Splendor: Memória e Ortodoxia Cristãs*. 2006, n.p. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/teologia-da-libertacao-e-frei-boff>. Acessado em: fevereiro de 2017.

MELO, Débora Gusmão; GALON, José Eduardo Vitorino; FONTANELLA I, Bruno José Barcellos. Os “daltônicos” e suas dificuldades: condição negligenciada no Brasil? *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p.1229-1253, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/5hWpcHND39fq6BWtB3ZTsbM/abstract/?lang=pt>. Acessado em: março de 2017.

MIRANDA, Vicente Chermont de. *Glossário Paraense ou Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha do Marajó*. Belém: UFPA, 1968.

MOURA, Gabriele Rodrigues de. A formação teológico-filosófica na Companhia de Jesus (séculos XVI e XVII). *Revista Tempo de Conquista*, [S.I.], n. 1, p. 1-20, jul. 2012. Disponível em: <https://www.sbthh.org.br/pesquisador/gabriele-rodrigues-de-moura/>. Acesso em: 10 jun. 2015.

OLIVEIRA, Karla C. D. de. *Curandeiros e pajés numa leitura museológica: o Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo –PA*. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro –UNIRIO, 2012. 210p. Dissertação de mestrado.

OLIVEIRA, Karla C. D. de. *Museus e Redes de Sociabilidade: poder e conflito no Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo*. 2017. 283 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.unirio.br/ppg-pmus/karla_cristina_damasceno_de_oliveira.pdf. Acesso em 10 set 2018.

PARÁ, Governo do. Secretaria de Cultura – Secult. Espaços Secult. *Museu do Marajó*, s.d. Disponível em <https://secult.pa.gov.br/espacosecultpag/39/museu-do-marajo/>. Acessado em: março de 2025.

POMIAN, Krzysztof. História cultural, História dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

PRIOSTI, Odalice Miranda. *Memória, comunidade e hibridação: museologia da libertação e estratégias de resistência*. 2010. 245 f. Tese (Doutorado em Memória Social). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

RÚSSIO, Waldisa Pinto. *Museu*. Um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento. Dissertação (Mestrado)-Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais/Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977.

SEPÚLVEDA, Luciana. Coleções que foram Museus, Museus sem Coleções, afinal que relações possíveis? In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos. (Orgs.). *Museus Instituição de Pesquisa*. Rio de Janeiro: MAST, 2005. p. 65-84.

VARINE, Hugues de. *O tempo social*. Rio de Janeiro: Eça, 1987.

VARINE, Hugues de. Apresentação (1995) – A respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Org.). *O ICOM-Brasil e o pensamento museológico brasileiro*. Documentos selecionados, v. 2. São Paulo: Pinacoteca do Estado/Secretaria de Estado de Cultura/Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 38-42.

VARINE, Hugues de. Santiago do Chile – 1971 – La Museología se encuentra con el mundo moderno. 29 set. 1984. In: NASCIMENTO JÚNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos (Orgs.) *Mesa redonda sobre la importância y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa-Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Vol.1. Brasília, DF: IBRAM/MinC; Programa Ibermuseus, 2012. p. 96. Disponível em: http://www.iber museus.org/wpcontent/uploads/2014/09/Publicacion_Mesa_Redonda_VOL_I.pdf. Acessado em: setembro de 2016.